

## A FORMA DO DIÁLOGO E A QUESTÃO DA AMBIGÜIDADE N' O CORTESÃO

Eunice Piazza Gai<sup>1</sup>

### RESUMO

O ensaio analisa alguns dos principais temas enfocados no livro *O cortesão*, de Baldassarre Castiglione, tais como: o conceito de *sprezzatura*, a educação da dama palaciana e do cortesão, a condição feminina e o momento histórico. Também recebem atenção a forma do diálogo e a ambigüidade, como indicadores da cosmovisão expressa na obra.

**Palavras-chave:** *sprezzatura*, Renascimento, diálogo, cosmovisão, ambigüidade.

### ABSTRACT

This essay analyzes the main themes focused on *O cortesão*, by Baldassarre Castiglione, as the concept of *sprezzatura*, the education of the courtier lady's as well as the courtier's education, the feminine condition and the historical context. Furthermore, the form of the dialogue and the ambiguity, indicating the vision of the world on the novel, also received attention.

**Keywords:** *sprezzatura*, Renaissance, dialogue, vision of the world, ambiguity.

Já foi dito que *O cortesão* e *O príncipe* são obras antitróficas. Com efeito, o primeiro, escrito pelo notável cavaleiro Baldassarre Castiglione, publicado pela primeira vez em Veneza, em abril de 1528, possui um caráter idealizante e um estilo que pode ser adjetivado como suave, límpido, elegante e cujo propósito

<sup>1</sup>Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS e professora do Departamento de Letras da UNISC.

é apresentar a imagem do perfeito homem da corte e também da ideal dama palaciana. Já *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel, foi publicado pela primeira vez em Florença, em 1532, e tem como assunto principal as diferentes reflexões do autor acerca do cálculo e da política, revelando as crueldades inerentes à construção e conservação do poder.

O século XX rendeu um considerável tributo a Maquiavel, aliás, a modernidade parece ter-se identificado predominantemente com as idéias e valores d' *O príncipe*. A influência de Castiglione foi analisada amplamente por Peter Burke em seu livro *As fortunas d' O cortesão* (1997); ela foi intensa nos primeiros noventa e dois anos após sua publicação, quando o texto foi traduzido e imitado em quase todos os países europeus de então, mas já em meados do século XVII tornara-se obsoleto. As razões que justificam esse fato são várias, mas, em última instância, ainda conforme o autor acima, *O cortesão* caiu em desuso porque não era suficientemente cínico. Entretanto, o livro nunca chegou a ser completamente esquecido, permanecendo sempre como um guia essencial para o entendimento do conceito de civilidade. Autores como Locke, Chesterfield, Gracián, La Rochefoucauld, Corneille, Molière, Samuel Johnson, Yeats foram leitores do livro e o tinham em alto apreço. Nas universidades de Oxford e Cambridge, alguns conceitos nele veiculados, especialmente o de *sprezzatura*, que será desenvolvido mais adiante, ainda exercia influência em 1950 entre estudantes e professores.

A leitura d' *O cortesão* ainda hoje produz um estranho fascínio, talvez explicável pelo requinte e delicadeza com que são abordados os mais diversos temas. Além disso, observa-se a presença de uma visão lúcida e atual a respeito, por exemplo, da condição feminina, das relações humanas, da concepção de bem e mal, fato que induz a ler o livro sempre com renovado interesse.

*O cortesão* e *O príncipe* expressam visões de mundo específicas da classe dominante da Itália na época em que foram escritos e publicados, duas faces diferentes dessa mesma classe, exemplarmente ilustrativas do caráter contraditório e ambíguo que caracteriza o período áureo do Renascimento italiano.

Sem negar a contundência e a importância de uma obra como *O príncipe*, é possível conjecturar sobre a possibilidade de que os valores contemplados n' *O cortesão* passem a despertar um maior interesse num século que se anuncia mais preocupado com a transdisciplinaridade e a formação integral do indivíduo do que com a formação especializada e excessivamente voltada para o fascínio do poder, características da modernidade do século XX.

Neste estudo busco, essencialmente, responder à questão: por que *O cortesão* continua a fascinar os leitores, depois de quase cinco séculos e após terem sido superadas todas as formas de organização social que nele são

representadas e no qual está inserido? Com esse intuito, abordo aqui os seguintes aspectos: breves notas a respeito do autor e da época, apresentação do livro, desenvolvimento do conceito de *sprezzatura*, a visão do feminino, a forma do diálogo e os diferentes pontos de vista sobre o mundo.

Baldassarre Castiglione nasceu em Casático, perto de Mântua, região do norte da Itália, em 6 de dezembro de 1478; era filho de um proprietário rural, também homem de armas do marquês de Mântua. Estudou grego e latim em Milão com eminentes mestres da época. Serviu como soldado na corte do marquês de Mântua, Francesco Gonzaga; mais tarde transferiu-se para a corte de Urbino, tendo sido empregado como diplomata por Guidobaldo de Montefeltro e por seu sucessor Francesco della Rovere. Permaneceu durante um largo período como embaixador em Roma, defendendo os interesses do duque de Urbino e do marquês de Mântua. O papa Clemente VII enviou-o à Espanha como embaixador papal. Em 1527, quando ainda estava na Espanha, houve o saque de Roma pelas tropas de Carlos V. Castiglione ficou numa situação muito desconfortável nesse momento, o que leva Peter Burke a "arriscar a sugestão de que ele morreu em virtude da posição insustentável na qual o imperador e o papa o haviam colocado" (p.16). Em alguns registros biográficos consta que ele morreu de peste, em outros, de uma infecção no baço, em Toledo, em 8 de fevereiro de 1529, ocasião em que Carlos V pronuncia a frase "Y vos digo que es muerto uno de los mejores caballeros del mundo", que em muito contribuiria para a interpretação e definição da personalidade de Castiglione através dos tempos.

Sabe-se que Castiglione escreveu várias versões do livro e que a publicação definitiva, em 1528, menos de um ano antes de sua morte, tinha sofrido diversas modificações. Uma versão não autorizada circulou por iniciativa de sua amiga Vittoria Collona, dama palaciana e poeta, a quem o autor repreende no prefácio do próprio livro.

A época em que viveu Castiglione é classificada como a da alta Renascença, mas, tratando-se desse período histórico-cultural em que as realizações em todos os campos parecem potenciadas, as contradições ali existentes causam um impacto ainda maior do que quando observadas em outro espaço ou tempo.

Jacob Burckhardt, em seu célebre livro sobre o Renascimento italiano, pinta um retrato que impressiona pelas feições ora grotescas, ora sublimes que o caracterizam. Tratando do tema da glória, assim se manifesta: "No meio desses preparativos para ganhar a fama pública, de vez em quando a cortina é corrida e vemos o espetáculo pavoroso da ambição ilimitada e a busca da grandeza sem medir meios e conseqüências" (1991, p.93). E conta o episódio do assassinato do

duque Alessandro de Florença (1537), cometido pelo desejo de notoriedade que atormentava o assassino Lorenzino Médici. Este, tendo sido ridicularizado em um panfleto de Molza, medita sombriamente sobre uma ação cuja novidade pudesse fazer esquecer sua desgraça. Termina por assassinar o príncipe seu parente.

Sobre a presença das contradições que configuram esse período, Burckhardt conclui:

O italiano do Renascimento, porém, teve de suportar os primeiros choques poderosos dos novos tempos que surgiam. Com seus dotes e suas paixões, ele se tornou o representante mais característico de todas as alturas e profundezas de seu tempo. Lado a lado com a corrupção profunda, apareciam personalidades da mais nobre harmonia e de um esplendor artístico que deu à vida do homem um brilho que nem a Antiguidade nem a Idade Média lhe tinham dado, ou poderiam ter dado. (p. 279)

Baldassarre Castiglione pode ser considerado um representante da segunda categoria de personalidades propostas por Burckhardt. Homem culto, educado, típico representante do Humanismo renascentista, faz do conhecimento das obras da Antiguidade o seu principal vetor ou fundamento. O livro *O cortesão*, além de reapresentar as idéias desenvolvidas pelos eminentes autores antigos, também se vale da forma do diálogo, dando-lhe uma conformação e finalidade semelhante à que lhe deu Platão e também Cícero. É certo que o texto não constitui uma mera retomada de idéias já desenvolvidas no classicismo antigo. O que ocorre é uma atualização das mesmas aplicadas ao contexto da época em que foi escrito. Além disso, o autor aborda determinados assuntos, como o conceito de graça e *sprezzatura* e a visão da condição feminina que representam o novo ou original.

O livro é construído em forma de diálogo, no qual participam diversas personagens, em torno de vinte, todas elas pessoas reais, integrantes da corte de Urbino, cujo palácio constitui o cenário onde ocorre a conversação. O livro narra as conversações ocorridas no palácio durante quatro noites, de 3 a 7 de março de 1506, quando Castiglione encontrava-se a serviço do duque Guidobaldo de Montefeltro. Este, por motivos de saúde, retirava-se cedo aos seus aposentos, deixando a Elisabetta Gonzaga, sua esposa, a tarefa de distrair os cortesãos e as damas do palácio, tarefa que ela desempenhava muito bem. O debate das pessoas acontece durante as quatro noites, constituindo, cada uma delas, uma parte do livro. A primeira trata da origem do cortesão e da formação intelectual, que contempla o conhecimento das letras, da guerra, da retórica, das artes plásticas, da música. A segunda refere-se a determinadas qualidades de caráter tais como: discrição, prudência, dignidade, companhia agradável, exercidas em

situações de torneios, jogos, danças, e principalmente por ocasião de reuniões para conversação. A terceira parte trata da construção da imagem da dama palaciana, considerada tão capaz quanto o cortesão no que se refere à formação intelectual e vivência na corte. A quarta parte contempla o tema amoroso, a partir de uma visão neoplatônica, e o discurso é apresentado por Bembo, ele próprio autor de um texto sobre o amor, segundo a mesma perspectiva. Trata também das complexas relações entre o príncipe e o cortesão.

O conceito de *sprezzatura* representa uma novidade n' *O cortesão*. Manuais de cortesia eram comuns desde a Idade Média, mas eles tinham uma finalidade prática, como indica a palavra manual. Eram constituídos de prescrições e normas, enquanto o livro de Castiglione apresenta uma concepção de mundo, desenvolve idéias filosóficas, propõe uma reflexão sobre a formação do caráter do indivíduo e discorre sobre os modos de bem viver.

Peter Burke, ainda no livro *As fortunas d'O cortesão*, desenvolve um estudo sobre o conceito da palavra *sprezzatura*, apresentando diferentes nuances de sentido que ela pode assumir. A análise desses sentidos revela que está imbricada n' eles uma certa visão de mundo e de homem que, se naquele contexto do livro relaciona-se a uma classe e a um sistema específicos, pode ultrapassá-los.

A palavra *sprezzatura* liga-se à idéia de desenvoltura, mas significa mais do que isso na análise elaborada por Peter Burke: "Ela também envolve a impressão de atuar de maneira impulsiva" (1997, p.43). Pode significar também autoconsciência, apresentação do eu, ou arte da administração da impressão. Está diretamente relacionada à graça, no sentido de encanto natural. *Sprezzatura* é a impressão de uma graça natural, sem que se perceba a presença do esforço em qualquer situação, seja na vida, seja na arte; é a presença de uma certa negligência aparente.

As idéias a que o conceito dessa palavra remete foram objeto de atenção em todas as traduções e imitações d' *O cortesão*; foram também o motivo pelo qual ele recebeu inúmeras críticas. Incluem-se, no primeiro caso, a influência do livro na construção da figura do *dândi*, no século XIX, e a influência que se fazia sentir em Oxford, ainda em 1950, conforme depoimento de Peter Burke: "Quando da minha passagem por Oxford, no final da década de 1950, não era de bom tom dar a impressão de estar trabalhando demais. A ausência de esforço ainda era o ideal" (p. 155).

Por outro lado, a idéia de sinceridade e culto do sentimento interior em detrimento da aparência, cultivadas pela Reforma, tomaram o conceito de *sprezzatura* como dissimulação e hipocrisia, atitudes condenáveis. Autores de diferentes países, com uma visão predominantemente puritana, alinharam-se para contestar e criticar a visão de Castiglione a esse respeito. O contexto em que

Castiglione introduz a palavra *sprezzatura* e a idéia que quer atribuir-lhe ocorre na primeira parte quando D. Bernardo, em seu discurso, fala das qualidades do cortesão:

[...] evitar ao máximo, e como um áspero e perigoso escolho a afetação e, talvez para dizer uma palavra nova, usar em cada coisa uma certa *sprezzatura* que oculte a arte e demônstre que o que se faz e diz é feito sem esforço e quase sem pensar. É disso, creio eu, que deriva em boa parte a graça, pois das coisas raras e bem feitas, cada um sabe as dificuldades, por isso nelas a facilidade provoca grande maravilha; e ao contrário, esforçar-se, ou, como se diz, arrelpear-se, produz suma falta de graça e faz apreciar pouco qualquer coisa, por maior que ela seja. (CASTIGLIONE, 1997, p. 42)

A utilização da forma do diálogo remete à idéia de polifonia, desenvolvida por Bakhtin; seria o contexto privilegiado para a expressão de uma visão do mundo onde a diferença de vozes é mais relevante do que a predominância de uma única voz. O diálogo foi bastante usado na Antigüidade, sendo Platão o primeiro mestre e fonte onde os autores subsequentes buscaram inspiração. Peter Burke refere-se a duas visões a respeito dos diálogos platônicos: a de Bakhtin e a de Werner Jaeger. O primeiro julga que em Platão não há polifonia, uma vez que a diversidade de vozes se funde na Idéia; o segundo considera que, pelo menos alguns diálogos platônicos salientam a idéia de Sócrates de que a virtude não pode ser ensinada, cabendo ao mestre apenas auxiliar para que cada qual tire sua própria conclusão (BURKE, 1997, p. 32).

Outros autores da Antigüidade que se utilizaram do diálogo foram Cícero e Luciano; do primeiro, a obra *Tusculani* ou *Discussões em Tusculo* possui um caráter didático e inspira-se em Platão; os diálogos de Luciano são sátiras contundentes aos valores e crenças dominantes na época em que viveu. Na Renascença, Pietro Bembo, um dos personagens presentes no livro de Castiglione, responsável pelo discurso sobre o amor proferido na última parte, é autor da obra *Asolari* ou *Discussões em Asoli* e tem como tema o amor. A concepção do amor apresentada por Bembo n' *O cortesão* é semelhante à que apresenta em sua própria obra: uma visão neoplatônica, que privilegia a união espiritual em detrimento da união apenas dos corpos. A crítica considera que Castiglione rende homenagem a Bembo, atribuindo-lhe o discurso final de seu livro, fato que também revela a existência de uma concordância entre os autores quanto à visão do mundo.

A análise da presença da mulher n' *O cortesão* poderá explicitar as intenções do autor na utilização do diálogo como forma de expressão em sua obra. A narrativa contém referências à condição feminina em diversos pontos,

embora seja na terceira parte que ocorre o discurso mais significativo sobre a constituição da personalidade e caráter da dama palaciana, sempre com diferentes intervenções que contradizem o interlocutor principal. É importante observar que o grupo é composto por homens e mulheres, sendo que os discursos e contraposições são feitos pelos homens, enquanto às mulheres cabe coordenar as reuniões e decidir sobre o rumo da conversação. Elas agem com lucidez e discrição, o que faz com que sejam obedecidas. Algumas personagens do diálogo tomam o partido da defesa das mulheres, enquanto outras desempenham o papel contrário. Gasparo Pallavicino é o mais ferrenho dos contendedores, dividindo sua misoginia com Ottaviano Fregoso e Nicolo Frigio; Dom Bernardo e o Magnífico Juliano tomam o partido da defesa das mulheres, sendo que o discurso sobre a dama palaciana ideal é proferido pelo último.

Ainda na segunda parte do livro iniciam as discussões acerca do assunto. A intervenção da duquesa Elisabetta, após uma áspera fala de Gasparo, é digna de nota:

Aqui intervieram muitos, quase todos querendo contradizer o senhor Gasparo; mas a senhora duquesa a todos impôs silêncio; depois, rindo, disse: - Se a maldade que dizeis das mulheres não fosse tão alheia à verdade que dizê-lo não representasse mais peso e vergonha contra quem o diz do que para elas, permitiria que alguém vos respondesse; mas não quero, ao contradizê-lo com tantas razões que seriam apresentadas, permitir que vos livreis desse mau costume, para que vosso pecado tenha uma grave punição, que será má opinião que terão todos que vos ouvirem falar dessa maneira. (CASTIGLIONE, 1997, p. 123)

Observa-se, no pronunciamento da duquesa, uma disposição de ânimo serena, mas firme, não permitindo que a conversação deságue no tumulto da paixão e da exaltação.

Quanto ao papel social da mulher, a presença de opiniões contrárias é significativa, mas percebe-se que as fidalgas não aceitam a condição de pacatas donas de casa como ideal; não são submissas, nem se consideram inferiores do ponto de vista intelectual. No final da segunda parte, quando ocorrem as tratativas para o novo encontro, que deverá versar sobre as qualidades da dama palaciana, e devem decidir a quem caberá a tarefa de construir essa figura, dona Emília assim se manifesta: "Deus queira que não acabemos por entregar tal empresa a alguém conjurado com o senhor Gasparo, que nos molde uma cortesã que só saiba cozinhar e costurar" (ibidem, p. 184).

A tarefa de "imaginar a maior perfeição que se possa desejar numa mulher" é atribuída ao Magnífico Juliano que, entre outros atributos, considera que ela deve possuir algumas qualidades que são também comuns ao cortesão

e outras que são convenientes apenas à mulher. Entre as primeiras, estão as virtudes do espírito, como a nobreza, a recusa da afetação, a graça natural, bons costumes, prudência, etc. No segundo caso estão as atitudes, maneiras e gestos, que devem mostrar uma ternura suave e delicada. Quanto à formação intelectual que ela deve ter conhecimento daquilo que foi exigido para o cortesão, ou seja, deve ter conhecimento das letras, da música, das artes plásticas, da dança, dos jogos. E, especialmente, que em tudo, seja no vestir-se ou nas demais atitudes, “demonstre que a isso não dedica estudo nem esforço” (ibidem, p. 197).

E, por fim, ainda cabe assinalar que o Magnífico Juliano considera natural que as mulheres governem as cidades, façam as leis e conduzam os exercícios; e que os homens fiquem na cozinha ou se ponham a tecer, conforme reclama o senhor Gasparo.

Observa-se, a partir de tais ponderações, que as mulheres da Renascença italiana gozavam de uma situação social de liberdade e igualdade incomuns, não só para a época, como também para épocas posteriores. Na época, sabe-se que uma adaptação do livro de Castiglione, na Polônia, excluiu as mulheres do diálogo (BURKE, 1997, p.106).

Diante dos aspectos abordados, no que tange à visão da condição feminina, pode-se concluir que o diálogo apresenta diferentes perspectivas, não propondo formalmente nenhuma conclusão. São várias vozes que se manifestam, cada qual com seu espaço específico. Entretanto, a simples presença desse assunto no debate é indício da relevância que possuía no ambiente da corte e, pelas circunstâncias e argumentos apresentados, os misóginos parecem perder terreno. No fim das contas, o diálogo de Castiglione é apenas aparentemente ambíguo, porquanto, seguindo o seu modelo insigne, Platão, a idéia de civilidade e harmonia sobressai em relação às demais. E a busca do aprimoramento pessoal é uma meta de homens e mulheres.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.
- BURKE, Peter. *As fortunas d' O cortesão*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- CASTIGLIONE, Baldassarre. *O cortesão*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Hemus, 1977.